



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

SILMARA BEZERRA DA SILVA

**PRECONCEITO LINGUÍSTICO: ANALISANDO UMA EXPERIÊNCIA NA AULA DE
LÍNGUA PORTUGUESA**

GUARABIRA

2016

SILMARA BEZERRA DA SILVA

**PRECONCEITO LINGUÍSTICO: ANALISANDO UMA EXPERIÊNCIA NA AULA DE
LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado á Universidade Estadual da Paraíba para obtenção da graduação de licenciatura em Letras, sob a orientação do professor Dr. Juarez Nogueira Lins.

GUARABIRA

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586p Silva, Silmara Bezerra da
Preconceito linguístico: [manuscrito] : analisando uma
experiência na aula de Língua Portuguesa. / Silmara Bezerra da
Silva. - 2016.
21 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins, Departamento
de Letras".

1. Preconceito linguístico. 2. Aula de Língua Portuguesa. 3.
Escola pública. I. Título.

21. ed. CDD 372.622

Silmara Bezerra da Silva

Preconceito Linguístico: Analisando uma Experiência na aula de Língua Portuguesa

Artigo, apresentado a Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura plena em Letras-português.

Área de concentração: *Linguística*

Aprovada em: 20/10/2016

BANCA EXAMINADORA

Juarez Nogueira Lins

Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Leônidas J. da Silva Jr.

Prof. Dr. Leônidas José da Silva Jr.

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Iara Ferreira de Melo Martins

Prof. Dra. Iara Ferreira de Melo Martins

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Agradecimentos

Deus, por sempre me dar forças para não desistir dos meus objetivos.

Ao meu professor orientador Juarez Nogueira Lins, pela dedicação e leitura sugeridas para desenvolver um bom trabalho.

Ao meu marido que sempre esteve ao meu lado em todo percurso do curso, sempre me dando força e me incentivando a buscar novos conhecimentos.

Aos meus pais pelo apoio e incentivo.

E a todos que de forma direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação. O meu muito, obrigada.

SUMÁRIO

1. Introdução	7
2. Sobre o Preconceito Linguístico e sua atuação na escola	8
3. Preconceito Linguístico na Sala de Aula: reflexões a partir do Estágio Supervisionado de Letras	13
3.1 O Estágio supervisionado de Letras	13
3.2 O Relato da aula na turma	15
4. Considerações Finais	19
5. Referências Bibliográficas	20

PRECONCEITO LINGUÍSTICO: ANALISANDO UMA EXPERIÊNCIA NA AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA

Silmara Bezerra da Silva*

RESUMO

Diante das dificuldades de lidar com as variedades linguísticas, e principalmente, com o preconceito linguístico na sala de aula, esse artigo objetiva analisar o tratamento dado a uma inadequação linguística cometida por um aluno, na aula de língua portuguesa, durante observação do Estágio Supervisionado I. Para fundamentar a análise contribuições de Bortoni-Ricardo (2006) Bagno (2007) Faraco (2005), Pimenta e Lima (2010) entre outros autores. Esta pesquisa enquadra-se na perspectiva qualitativa de cunho descritivo e interpretativista, além da observação não participante. Os resultados apontaram que o professor de língua portuguesa, mesmo diante de estudos significativos nessa área, ainda não consegue lidar com a questão da variedade linguística, contribuindo, muitas vezes, para a continuidade do preconceito linguístico na escola.

Palavras – chave: Preconceito Linguístico. Aula de língua Portuguesa. Escola Pública.

ABSTRACT

Given the difficulties of dealing with language varieties and especially with the linguistic discrimination in the classroom, this article aims to analyze the treatment of linguistic inadequacy committed by a student in class Portuguese during observation of Supervised Stage I. to support the analysis of contributions Bortoni-Ricardo (2006) Bagno (2007) Faraco (2005), pepper and Lima (2010) and other authors. This research is part of the qualitative perspective of descriptive and interpretive nature, as well as non-participant observation. The results showed that a Portuguese teacher, even in the face of significant studies in this area, still can not deal with the issue of linguistic variety, contributing often to the continuity of linguistic discrimination at school.

Key - words: Prejudice Language. Portuguese class. Public School.

* Aluna de Graduação em Letras – Português pela Universidade Estadual da Paraíba – Campus III. E-mail: silmaraprincy@gmail.com

1. Introdução

A língua não é homogênea, varia com o tempo, o espaço, a classe social, a faixa etária, etc. Mas apesar dos vários estudos, das recomendações dos parâmetros curriculares nacionais PCN'S (BRASIL, 2001), o tratamento dado a conscientização de ensinar a diversidade da língua na aula sala de aula ainda não é prioridade no planejamento de ensino. Nesse ambiente, não raras vezes, vemos “cenas” que remetem ao pouco conhecimento que os profissionais apresentam em relação ao trato com as variedades linguísticas, principalmente, o preconceito linguístico. Uma destas “cenas” foi presenciada durante o estágio de observação de aulas de língua portuguesa no ensino fundamental. A partir desse panorama, objetivamos discutir a questão do preconceito linguístico e analisar um “acontecimento” referente ao preconceito, ocorrido em uma das salas observadas.

Para melhor aprofundamento sobre o assunto abordado levou-se em considerações alguns pressupostos teóricos de Bagno (2007) sobre o preconceito linguístico, vivenciado ainda hoje; Bortoni-Ricardo (2006) que apresenta como uma discussão sobre o preconceito em sala de aula e expõe estratégias de ensino e aprendizado em sala de aula. E ainda, Faraco (2010), enfatizando que a escola ainda não está preparado para lidar com a heterogeneidade da língua, dentro da sala de aula, pois, quando trabalha, a variação linguística é de forma de vaga. E ainda, as contribuições dos PCN'S (2001). Os Parâmetros Curriculares Nacionais de língua portuguesa mostrando que a variação linguística deve ser trabalhada em sala de aula e, o professor tem que lidar com todas essas situações no ambiente escolar.

Do ponto de vista metodológico a pesquisa se enquadra como qualitativa, de cunho bibliográfico, descritiva e observação não participante. Como sujeito da pesquisa, dois membros da comunidade escolar: um professor e um aluno. Didaticamente, o texto foi dividido em três tópicos: o primeiro aborda a questão do preconceito linguístico, e apresenta uma discussão sobre o preconceito linguístico na aula de língua portuguesa e o terceiro analisa o acontecimento: uma cena de preconceito na aula de LP.

2. Sobre o Preconceito Linguístico e sua atuação na escola

A heterogeneidade linguística existente em nossa sociedade é muito numerosa e por existir essa diversidade da língua algumas pessoas por falar uma linguagem não – padrão acaba sofrendo o preconceito linguístico. Mesmo consciente dessa heterogeneidade linguística uma minoria da população, que tem mais acesso a educação de qualidade e cultura acaba desvalorizando as línguas faladas pela maioria da população, menos prestigiada socialmente. Às vezes, por falta de conhecimento, as pessoas têm preconceito em relação ao seu modo de falar, e a sua cultura. Pensam que estão falando errado e que sua cultura ou língua é inferior a outras culturas.

Enfim, o preconceito linguístico é uma manifestação discriminatória que atinge, na maioria das vezes, as classes menos favorecidas. E por utilizarem um falar menos prestigiado, por não seguirem regras existentes na gramática normativa ou simplesmente por não estarem inserido na classe dominante, são consideradas pessoas de falar “inculto” e sofrem o preconceito linguístico. E a mídia em geral, juntamente com a escola – que deveria combater o preconceito –, ratificam, disseminam e alimentam a ideia da “boa linguagem”, em detrimento da “linguagem errada”. No livro de Marcos Bagno, *Preconceito linguístico o que é, como se faz*. O autor diz que:

(...) o que vemos é esse preconceito ser alimentado diariamente em programas de televisão e de rádio, em colunas de jornais e revista, em livros e manuais que pretendem ensinar o que é “certo” e o que é “errado”, sem falar, é claro, nos instrumentos tradicionais de ensino da língua: a gramática normativa e os livros didáticos. (2007 p. 13).

O autor aborda o crescimento do preconceito linguístico em nossa sociedade e como ele está sendo alimentado através dos meios de comunicação e pelos livros didáticos. Isso é um caso muito sério, pois, em um livro didático não deveria difundir esse ou outro tipo de preconceito, haja vista que é uma ferramenta de ensino nas escolas. E como principal ferramenta de ensino deveria enfatizar mais a diversidade linguística, para que assim os educandos tenham um melhor entendimento sobre sua língua materna.

O aluno tendo conhecimento da heterogeneidade da língua terá um melhor aprendizado sobre a língua portuguesa, sobre sua cultura e através do ensino da

norma – padrão na sala de aula saberá adequar sua linguagem as diversas formas de uso, formal ou informal.

A autora Bortoni-Ricardo afirma que: das sociedades ditas tradicionais, conserva o Brasil pelo menos duas características: a grande variação no repertório verbal e o acesso limitado á norma padrão. (BORTONI-RICARDO, 2006 p.22). Ou seja, a variação linguística da população brasileira é muito grande, devido ao extenso território, a maioria da população não tem acesso á escolarização, e quando tem acesso a escola não valoriza a cultura o conhecimento que o educando trás consigo. O didática da gramática precisa se adequar as diversas formas de linguagem que existe na nossa sociedade, a escola precisa ensinar essa adequação os alunos para que assim os educandos tenham mais entendimento sobre a língua portuguesa, os gramáticos precisam entender que não há como uma população com mais de duzentos milhões de habitantes falarem uma só língua, que não existe uma homogeneidade da língua, e sim uma adequação. E através do ensino e aprendizagem da variação linguística os alunos terão um melhor conhecimento da sua língua materna.

O que precisa ser mudado é essa ilusão que alguns livros didáticos, a mídia entre tantos meios de comunicação tentam transmitir para nós: que o português certo é o da norma culta é o do livro didático. Não existe o certo e o errado, mas o inadequado para determinadas situações. Então, que as instituições encontrem estratégias para tornar o ensino da língua-padrão mais acessível para o aprendizado do aluno. Porque a gramática em si, é cheia de regras e normas e se o aluno não aprender, ou seja, decorar as regras gramaticais ele não aprendeu português. E a não aprendizagem dessas regras deixa o aluno frustrado sem nenhum interesse para aprender.

Bagno (2007) afirma que: “Usar a língua, tanto na modalidade oral como na escrita, é encontrar o ponto de equilíbrio entre dois eixos: o da adequabilidade e o da aceitabilidade”. Quando o autor fala da adequabilidade é sobre os diversos usos da língua, em situações formais e informais o mesmo vai mudar sua linguagem para determinada ocasião, e deve se adequar ao modo de comunicação em que está inserido. E o grau de aceitabilidade vai depender do interlocutor a quem se passa a informação.

O que a classe mais favorecida impõe é que devemos falar o português do livro didático. Quem não seguir tais regras sofre preconceito linguístico e isso e

revoltante porque o Brasil é um país miscigenado, com culturas e costumes diferentes. Tentar impor uma língua – padrão para todas as regiões do Brasil é uma tarefa impossível, porque nem todos os brasileiros têm acesso à escola.

Bortoni-Ricardo (2006) afirma que: “Resguarda-se, assim, o direito que o educando possui a preservação de sua identidade cultural específica, seja ela rural, urbana, popular ou elitista”. Ou seja, as instituições precisam valorizar a identidade cultural de cada aluno, ensinando aos mesmos a valorização de sua variedade linguística, seja ela a qual classe pertencer, porque será através do ensino que cada aluno aprenderá a valorizar sua língua, a variedade nela existente e entender porque cada grupo ou classe tem um dialeto diferenciado.

Cabe a cada um de nós, cidadãos brasileiros, respeitar e valorizar nossa língua. É também dever da escola e dos livros didáticos adequar-se às mudanças da língua, porque a língua sofre variadas transformações constantemente. Bagno (2007) diz que toda língua sofre mudanças. Ele afirma que “deve-se conscientizar-se de que toda língua muda e varia. O que hoje é visto como “certo” já foi “erro” no passado. O que hoje é considerado “erro” pode vir a ser perfeitamente aceito como “certo” no futuro da língua”. Ou seja, não existe nem o certo nem o errado e sim uma adequação às mudanças que a língua sofre ao longo do tempo.

A escola tem o papel de colocar essa adequação da linguagem no ensino e aprendizagem dos discentes, tornando assim alunos críticos e com pensamentos e conhecimentos próprios, conhecendo sua língua materna e valorizando sua cultura, adequando-se a modalidade culta em diversas formas de comunicação, aprimorando assim sua competência comunicativa.

O primeiro contato com a língua materna que um aluno vai ter é com seus pais, ele vai aprender a falar o que os pais falam, os costumes de sua comunidade, seu grupo de amigos. O segundo contato é na sala de aula, onde o aluno busca aprender novos usos da língua portuguesa. Vai aprender novas variedades, mas leva as suas sempre consigo é através dos seus costumes que o mesmo constrói sua identidade. O professor enquanto educador não pode tirar ou simplesmente ignorar essa variação do aluno, e sim ensinar como ele pode usar as diversas formas de linguagem em cada situação, formal ou informal. Esse posicionamento é importante, pois, ao entrar numa instituição de ensino o aluno vai se deparar com uma língua diferente da qual ele ouvia e falava, a língua culta da regra e mais regras. Se o professor valorizar apenas essa língua o aluno vai pensar que tudo que

ele aprendeu antes de entrar na escola estava errado, e isso deixa o aluno muito confuso, frustrado e sem vontade de querer estudar. É o que afirma Bagno, em seu livro *Preconceito linguístico*, o que é, como se faz:

É preciso, portanto, que a escola e todas as demais instituições voltadas para a educação e a cultura abandonem esse mito da “unidade” do português no Brasil e passem a reconhecer a verdadeira diversidade linguística de nosso país para melhor planejarem suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes das variedades não-padrão. (BAGNO, 2007 p.18).

Ou seja, a escola e os professores, têm o dever de ensinar a variedade padrão, mas também valorizar outras variedades, pois a língua não é homogênea. Como cada comunidade ou região tem sua peculiaridade na forma de falar, então é dever da escola e do professor aprimorar o modo de ensino a diferentes formas de linguagem para que assim o aluno aprenda essa diversidade da língua, valorizando e tendo entendimento que toda fala tem seu valor linguístico e cultural.

Desse modo, o ensino de língua portuguesa precisa ser reformulada, e aceitar que não existe só uma unidade da língua e sim a variedade dela. Bortoni afirma que:

No Brasil, as diferenças linguísticas socialmente condicionadas não são seriamente levadas em conta, a escola é norteada para ensinar a língua da cultura dominante; tudo o que se afasta desse código é defeituoso e deve ser eliminado”.(BORTONI-RICARDO,2006 p.14).

As palavras da autora explicitam a realidade vivida pelos brasileiros. Temos que estudar a língua da elite porque a variedade da língua das pessoas menos escolarizadas é julgada como defeituosa e inadequada para as diversas situações sociais. É preciso deixar claro que existem formas diferentes de dizer a mesma coisa, e não apenas a forma considerada culta. Segundo Bortoni–Ricardo:

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas, os professores e, por meio deles, os alunos tem que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade. (BORTONI–RICARDO, 2006 p. 15).

Então o aluno precisa compreender e entender que existem variações da língua e que a língua que ele fala não está errada e a outra certa. Ambas devem se adequar as diversas formas de uso. E ainda precisa adequar-se que sua língua tem cultura e valor e a escola é o lugar certo para essa aprendizagem.

As instituições escolares precisam reformular seus métodos de ensino e inserir novos métodos que incluam a variação linguística, e a partir dessa inclusão, iniciará um novo modelo de ensino para nossos alunos.

Sobre variação linguística e ensino, não podemos mais nos contentar com generalidades. Dispomos já, como produto de décadas de reflexões e debates, de uma formulação geral com diretrizes que incorporam o estudo da variação linguística entre os temas do ensino de português e situam o trabalho com a expressão culta no interior do quadro mais amplo da variação linguística que caracteriza nossa sociedade. (FARACO, 2015, p. 20).

É o que explica Faraco na citação acima, a sociolinguística vem há anos pesquisando e estudando essas variações da língua existentes no nosso país, e através desses estudos temos comprovação que a língua é heterogênea e muda com o passar do tempo. E por isso, que inserir sociolinguística no planejamento de ensino da escola é primordial, porque através da sociolinguística é que conseguimos entender porque a língua sofre tantas mudanças com o passar do tempo.

Os livros didáticos na maioria das vezes são a única ferramenta de ensino e aprendizagem para o aluno, principalmente em escolas públicas que o ensino às vezes é um pouco precário. E por ser um dos meios mais tradicionais de ensino não aborda assuntos sobre a variação linguística. Sobre o assunto em pauta Faraco afirma:

Os livros didáticos têm dado um tratamento muito superficial ao tema, no mais das vezes limitado à apresentação, algo, folclorizada, da variação geográfica ou um tanto quanto estereotipada, das falas rurais. Os livros didáticos deixam de fora a variação social, que é, de fato, a verdadeira questão a se enfrentada, já que é ela que serve de critério para os gestos de discriminação dos falantes e de violência simbólica. (FARACO, 2015 p. 20).

O autor enfatiza que o local de ensino e aprendizagem trata da variação como uma cultura geográfica e não como uma variação linguística existente em todo território brasileiro, e quando aborda é muito breve e não enaltece o assunto em questão. Tornando o assunto muito artificial e sem valor para estudo, por mais que os PCN'S há algum tempo venha enaltecendo a variedade da língua, as escolas nem os livros didáticos coloca, em prática essa nova maneira de ensino e aprendizagem que valoriza todos os tipos de linguagem.

A escola precisa entender que, ensinar a variação da língua para nossos alunos é construção de discentes críticos que tenham opiniões próprias para argumentar e defender qualquer assunto abordado. Mas, para que isso ocorra á

escola e professores precisam usar estratégias, planejamento e muita dedicação para colocar isso em prática porque a escola não só precisa aceitar a bagagem cultural do aluno e sim colocar essa cultura em ação trabalhando essas diversidades em assuntos abordados em sala de aula, para que assim o aluno entenda e aprenda o valor de sua língua materna.

3. Preconceito Linguístico na Sala de Aula: reflexões a partir do Estágio Supervisionado de Letras

3.1 O Estágio supervisionado de Letras

As licenciaturas da Universidade Estadual da Paraíba são regidas pela Resolução UEPB/CONSEPE/08/2006, afirma, no seu Art.1º - “O Estágio Obrigatório constitui-se em um componente curricular estabelecido no Projeto Pedagógico do Curso, sendo indispensável para obtenção do diploma”. Nesse sentido, a Resolução afirma o estágio enquanto obrigatoriedade para a qualificação profissional do licenciando (a). Uma experiência prática indispensável para as licenciaturas e para aqueles que pretendem se efetivar na docência, muito embora, essa experiência de estágio, assumam particularidades metodológicas, em cada universidade, campus.

Na UEPB, Campus III, no curso de Letras o Estágio Supervisionado apresenta atualmente, a seguinte estrutura: Estágio Supervisionado I – contempla o Estudo e a análise da situação da prática docente de Língua Portuguesa na escola brasileira. Observação das práticas didáticas nas escolas públicas de **Ensino Fundamental e Médio**. E os Estágios Supervisionados II e III contemplam intervenções (experiências didáticas no **Ensino Fundamental e Médio**, respectivamente) na prática docente de Língua Portuguesa nas escolas de Guarabira/PB. Os componentes curriculares objetivam de modo geral:

- Vivenciar e intervir na prática docente no **Ensino Fundamental e Médio** (Observação e Regência), no intuito de caracterizar as diferentes competências dos profissionais inseridos no universo formal da educação, de modo a incentivar o estagiário a adquirir os elementos fundamentais para o desempenho de suas funções enquanto futuro profissional de educação.
- Prover as condições e os meios - conhecimentos, métodos, técnicas e organização do ensino - para assegurar ao estagiário a vivência prática do magistério de língua

Portuguesa (instruindo o aluno/estagiário a dominar as habilidades de ensino, para empregá-las, adequadamente, no espaço da sala de aula).

Para contemplar estes objetivos propostos o percurso metodológico dos componentes curriculares (Estágio I, II e III), presentes nos dois últimos anos do curso, seguem, em linhas gerais, as seguintes etapas:

- Apresentação dos alunos, do Plano de Curso, Entrega das Fichas de Observação e Regência, Discussão sobre as aulas de Língua Portuguesa, a postura do professor de língua portuguesa;
- Construção de Projetos Didáticos de Língua Portuguesa;
- Observação de 16h, sendo 08 no Ensino Fundamental e 08 no Ensino Médio;
- A aula de Língua Portuguesa a partir de gêneros textuais;
- Preparação de planos de aula de Língua Portuguesa para regência no Campus;
- Critérios para análise do Livro Didático de Língua Portuguesa;
- Regência de micro/aulas de língua portuguesa no campus: preparação para as regências;
- Ida às Instituições de Ensino para discutir com os gestores e professores as regências, bem como coletar de dados: sobre as escolas, sobre o professor e a disciplina de língua portuguesa – horários, conteúdos, planejamento;
- Planejamento das Regências
- Regência de 16 horas-aula de Língua Portuguesa (**Ensino Fundamental e Médio**) em escolas públicas localizadas em Guarabira;
 - Apresentação das fichas de registro de aula, ficha de avaliação dos professores, planos de aula, os textos utilizados, anotações sobre as turmas e as escolas e discussão sobre as regências realizadas;
 - Orientações em sala de aula do relatório de regência;
 - Entrega do Relatório Final de Estágio (Observação e Regência).

Nem sempre é possível contemplar todos os objetivos e seguir todo o aporte metodológico, em virtude de fatores (internos e externos)¹ que extrapolam o planejamento do componente curricular e o seu desenvolvimento ao longo do curso. Mas se acredita que nos moldes apresentados aqui, que o estágio no curso de Letras do Campus III, possibilita, além de uma experiência prática, reflexões nos estudantes, que confrontam os conhecimentos adquiridos durante o curso de licenciatura e a realidade encontrada nas escolas públicas de Guarabira, conforme orientações de Pimenta e Lima. Nos tópicos seguintes, apresentaremos uma contextualização do espaço, da turma e das práticas de literatura que constituíram o estágio supervisionado de Letras.

¹ Greves, da universidade e das redes estadual e municipal, feriados, impressados, festividades, absenteísmo entre outros.

3.2 O Relato da aula na turma

O preconceito linguístico que passo a relatar ocorreu em uma escola municipal situada na cidade de Guarabira, na sala do 7º ano A, no turno da tarde. No dia 19 de abril de 2016, eu e minhas colegas de curso fomos finalizar o estágio supervisionado II com 04horas/aula de regência e 04horas/aula de oficina.

Aplicamos uma oficina com o assunto “Trabalhando os adjetivos a partir da dinâmica o presente”. Tínhamos como objetivo incentivar o aluno a conhecer mais a classe gramatical adjetivos no qual, eles confundiam muito com substantivos. Colocamos a dinâmica junto com o assunto abordado porque seria mais interativo e promoveria um diálogo entre professor e aluno. A sala era composta por 38 alunos do sexo feminino e masculino, e ao iniciar a aula percebi que eram muito agitados e gostavam muito de fazer perguntas. Como eles estavam inquietos, perguntamos se eles gostavam de elogiar de receber elogios? Qual era suas maiores qualidades? Cada um falava a sua qualidade, mas quando se tratava do colega ao lado eles não queriam falar. Como já tinham falado suas qualidades perguntamos o que era adjetivos eles não sabiam. Mas a partir das qualidades que eles citaram, explicamos a classe gramatical abordada.

Começamos com uma dinâmica: entreguei o presente para um aluno, em seguida pedi para ele entregasse a caixa para o colega que ele achasse mais inteligente, ele assim o fez. Prosseguindo a dinâmica fiquei a observar a sala. No final da sala estava sentado um aluno, e o professor para nos avaliar. O aluno ao falar a frase *“Não tem pobrema se eu disser que meu colega é inteligente novamente né pofessor”*, o professor olhou para o educando e disse: a palavra correta é “problema” e “professor” eu já ensinei isso a você. As palavras “pobrema e pofessor” não existem.

Prosseguimos a aula, normalmente, estava na sala como estagiária não poderia falar que o professor estava “errado” em falar com o aluno daquela forma. Sobre essa questão Bagno, afirma:

Na visão preconceituosa dos fenômenos da língua, a transformação de L em R nos encontros consonantais como em Cráudia, chicrete, praça, broco, pranta é tremendamente estigmatizada e às vezes é considerada até como um sinal do “atraso mental” das pessoas que falam assim. (BAGNO, 2007 p.40).

Ou seja, o docente ao perceber que o aluno tem dificuldade em pronunciar sílaba complexa, antes de tudo, precisa deixar o aluno se expressar normalmente

em sala, e não estigmatizar a linguagem que ele trás consigo, pois através da comunicação o educando aprenderá aos poucos a adequar sua linguagem.

Podemos observar então que o aluno ao pronunciar “*pobrema e professor*” apresentou dificuldade de pronúncia no fonema R em início de palavras e na segunda sílaba o aluno tem a transformação do fonema L em R. O que acontece com o educando é um apagamento das consoantes no início de sílabas complexas no começo de palavras que contenham encontro consonantal. Esses apagamentos de fonemas são muitos comuns na língua portuguesa, pois, não é um fenômeno que se constituiu recente no português brasileiro, e sim, desde o processo de mudança do latim para o português no qual sofreu várias modificações. Segundo Marroquim: a passagem de l a r começou, com efeito, na formação do português: *platu(m) > prato; nobile(m) > nobre; blandu(m) > brandu; regula(m) > regra; clavu(m) > cravo; saeculu(m) > segre, (arc.) secre e secro (dial).* (2008, p.33). O falante ao pronunciar essas sílabas complexas sente dificuldades de articular a consoante vibrante e por isso sofre esse apagamento. Essa troca de fonemas é um fenômeno geral na língua popular, pois como citado acima vem desde a formação da língua.

Esse apagamento que o educando sofre é chamado de metátese: é o termo que vem do grego *metáthesis* (*meta*: mudança; *thésis*: posição → mudança de posição), sendo assim, a troca de posições dos sons dentro de uma sílaba. O aluno troca esses fonemas, no começo e no meio das palavras ocasionando assim, essa mudança.

No português popular brasileiro o fenômeno de metátese é comum nos prefixos *pre, per, pro*, é o que explica Marroquim:

Há quase sempre, entre o povo, certa confusão no uso do *per*, que é habitualmente trocado, principalmente em começo de sílaba, como em: *proguntá, preguntá, perfume, expromentá, premissão, prefeitamente.* Também o *pre* e o *pro* são trocados algumas vezes, como em *percurá, preposta, prepósito, porteger, perjuízo, potreção.* (2008, p. 50).

O aluno troca esse *pro* nas palavras *problema e professor*, no qual, Marroquim diz que é comum na linguagem popular. Na palavra *pobrema*, na segunda sílaba o fonema consonantal é trocado, talvez esse ocorrido se da pelas características sociais e hábitos linguísticos do aluno praticadas pela sua família ou grupo de amigos. Visto que, através do ensino da variação linguística o aluno terá um melhor conhecimento da heterogeneidade da língua. Aprendendo diferenciar essas palavras em um determinado ambiente formal ou informal.

O fenômeno de apagamento do r no português do Brasil foi entendido por Elia (1979, p. 213) como “erosão”, segundo o autor ocorre, na língua não – padrão e língua culta de forma ampla, atingindo do norte ao sul do país. Esse processo se resulta no falar de falantes indígenas e africanos no qual na sua pronúncia valoriza as vogais de estrutura fonológica de sílabas abertas.

Os fenômenos de apagamento em sílabas complexas como dito acima é comum na população de linguagem não padrão. Mas esses apagamentos não são “erros” e sim, uma mudança de fonema em determinados vocábulos que contenham encontros consonantais. O docente no tocante do ensino e aprendizagem dos educandos na sala de aula deve-se, ensinar essas variedades que existe no falar do aluno para que com isso conheça a heterogeneidade da língua.

Ocorrendo essa variação na sala de aula o professor pode ensinar, como exemplo, as palavras que os alunos têm dificuldades em pronunciar seguindo a norma gramatical. Por exemplo: quando o aluno pronunciar “pobrema” através dessa palavra o docente pode colocar exemplos no quadro ou em aula de leitura e explicar para a turma que na palavra problema existe varias maneiras de pronúciá-la. Quando conversamos com amigos mais íntimos e familiares podemos dizer “pobrema” e quando estamos em meio a uma conversação mais formal ou alguém que não conhecemos bem pronunciamos “problema”.

Utilizar a leitura de vários tipos de gêneros textuais em sala de aula é essencial para construção de discentes críticos, que saibam diferenciar um gênero de outro. Visto que, praticando a leitura é formar leitores e conseqüentemente escritores capazes de produzir qualquer tipo de texto.

Com pequenas explicações o aluno vai entender que a sua língua não esta errada, ela só precisa ser adequada. E, quando o mesmo estiver praticando a escrita, vai lembrar-se da explicação, e com o tempo saberá usar cada variedade em determinada situação.

Na escola, uma das grandes dificuldades que o professor tem que enfrentar é como lidar com a variação linguística, na sala de aula. O docente geralmente fica preso ao livro didático e a gramática normativa. E para que isso mude o mesmo precisa usar diferentes estratégias de ensino. Na sala de aula onde estagiei o professor de língua portuguesa talvez não soubesse como lidar com essa variação porque quando o aluno pronunciou a palavra na norma não-padrão, o docente o

corrigiu no mesmo momento. Ratificou assim, o preconceito linguístico. Ao discutir esse assunto Bortoni-Ricardo (2006) afirma que se faz necessário uma formulação de uma política educacional. A autora afirma "... Respeitem-se as peculiaridades culturais do aluno, poupando-o do perverso processo de conflito de valores e de insegurança linguística; garanta-se-lhe acesso á língua – padrão, permitindo-lhe mobilidade social; seja facilmente operacionalizável".(p. 42).

Isso mostra que o professor foi imprudente ao corrigir o aluno em voz alta. O docente não respeitou a cultura do aluno e o deixou constrangido. Com fatos como esses, ocorridos em sala, o aluno torna-se inseguro para expressar suas dificuldades porque tem medo de errar. E isso não deveria acontecer, pois, a escola é lugar de aprendizagem, de tolerância. O papel da escola não é ensinar a língua vernácula e sim desenvolver no aluno as variedades dessa língua vernácula. Mas, para que isso ocorra o professor precisa lidar com a variação linguística e respeitar cada dialeto existente em sala de aula. Bortoni-Ricardo enfatiza que:

Os alunos que chegam á escola falando "nós chegamu" "abrido" e "ele drome", por exemplo, têm que ser respeitados e ver valorizadas as suas peculiaridades linguísticos - culturais, mas tem o direito inalienável de aprender as variantes do prestígio dessas expressões. (RICARDO-BORTONI, 2006 p. 15).

Do mesmo modo o aluno que fala "pofessor e pobrema" deve ter os seus valores respeitados. E o professor tem que ensiná-lo que além dessas palavras que ele pronunciou existem outras variantes que o educando pode aprender. E ensinando essas variantes o aluno ao conhecer várias formas de falar a mesma palavra, o mesmo vai tentar adequá-la a diversas situações na qual ele vai passar.

Para mudar essa situação, o primeiro passo é mudar a forma de ensino nas escolas/instituições. Os Parâmetros Curriculares nacionais (2001), traz algumas noções sobre a diversidade da língua:

No que se refere á linguagem oral, algo similar acontece: o avanço no conhecimento das áreas afins torna possível a compreensão do papel da escola no desenvolvimento de uma aprendizagem que tem lugar fora dela. Não se trata de ensinar a falar ou a fala "correta", mas sim as falas adequadas ao contexto de uso. (PCN, 2001, p. 22).

Podemos perceber que os PCN já evoluíram bastante, nessa área. Agora só falta as instituições colocar esse ensino em prática e ensinar as diversas variações que existem da língua. O aluno precisa aprender sua língua materna de fato, conhecer de onde vêm tantas diversidades de culturas e costumes. As instituições

ensinando desse modo, com certeza, o preconceito linguístico iria amenizar, porque através do ensino da variação linguística em sala de aula é que a sociedade vai entender que a língua não é homogênea, e sim, heterogênea. Ela se diferencia de região pra região e, cabe a cada um de nós respeitarmos essa diversidade e dar valor a cada cultura existente no nosso país.

4. Considerações Finais

A partir do relato apresentado sobre o tratamento dado por um professor R. F. a uma inadequação linguística proferida por um aluno em sala de aula, no ensino fundamental, foi possível concluir que: a variação linguística e o preconceito linguístico ainda são questões complexas, instigantes e mal resolvidas para alguns docentes que acabam valorizando mais a variante culta (norma padrão) e desvalorizando a língua coloquial, a linguagem que os alunos trazem para a escola. Os docentes na maioria do planejamento de suas aulas, orientam-se principalmente pelo livro didático de língua portuguesa, que por sua vez discutem precariamente, com raras exceções, a questão da variedade linguística. Essas “faltas” presentes nas escolas, na aula de LP poderiam ser remediadas por abordagens metodológicas que favorecessem a linguagem cotidiana do aluno e, a partir dela apresentasse o código padrão da língua.

A escola não trata da variação linguística e do preconceito linguístico em sala de aula. Como o assunto não está inserido nos conteúdos de ensino, o professor tem dificuldade de lidar com o assunto em questão. E quando um aluno não pronuncia as palavras segundo a norma padrão corre o risco de sofrer o preconceito linguístico. Caso a escola enfatize a variedade da língua nos conteúdos de ensino o aluno terá um melhor aprendizado sobre sua cultura, e o porquê das diferenças da língua, enriquecendo assim sua bagagem cultural e levando o aluno a ter um pensamento crítico e argumentativo.

Enfim, há muito para se refletir sobre a variedade na sala de aula, caso o professor queira realmente, tornar o aluno um poliglota dentro da própria língua, como diz Travaglia. Caso queira ensinar a língua portuguesa, de muitas variedades e não apenas a gramática da língua.

O trabalho teve seus pontos positivos, pois, através do mesmo consegui adquirir um conhecimento mais amplo sobre preconceito linguístico e, como futura

docente tentarei inserir a variação linguística nas aulas de português contribuindo assim para um melhor ensino e aprendizagem de cada aluno e evitando o preconceito linguístico, dentro e fora da sala de aula.

5. Referências Bibliográficas

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula.** São Paulo, Parábola, 2004.

_____. **Nós chegamos na escola, e agora?** Sociolinguística na sala de aula. São Paulo, 2 ed. 2006.

BRASIL, Ministério Da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa.** Brasília, 3 ed. 2001.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico como é, como se faz.** São Paulo, 49 ed. 2006.

BAGNO, Marcos; STUBBS, Michael; GAGNÉ, Gilles. Língua materna: letramento, variação e ensino. São Paulo: Parábola, 2002b, p. 134.

FARACO, Carlos Alberto. Norma culta brasileira: construção e ensino. In: ZILLES, Ana Maria Stahl (org.). **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino.** Parábola, 2 ed. 2005.

LOPES, Iveuta de Abreu. Variação lingüística e ensino de língua portuguesa: alguns pressupostos básicos. In: COSTA, Catarina de Sena S. M. (Org.). **Lingüística e ensino de Língua Portuguesa: sensibilidade cultural e interação didático-pedagógica.** Teresina: EDUFPI, 2000.

SOARES. Linguagem e escola – **Uma perspectiva uma social.** 17 ed. São Paulo: Ática, 2006, p. 49.

ELIA, Sílvio. **Sociolinguística.** Rio de Janeiro: Padrão, 1987.

MARROQUIM, Mário. **A língua do nordeste** (Alagoas e Pernambuco). 4. ed.
Maceió: UFAL, 2008.